

O “aiué de São Benedito” da comunidade quilombola do Jauari, Rio Erepecuru, Oriximná (Pará)

João Felipe Lobato da Cruz*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0003-1164-4226>

Marialda de Matos Santos**

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0001-9656-4895>

Resumo: O presente trabalho é uma pesquisa de campo realizada na comunidade quilombola do Jauari, no Rio Erepecuru, Município de Oriximiná (Pará), que busca compreender a história da Folia do “Aiué de São Benedito”. Para tanto, aborda reflexões relacionadas ao “olhar” para as práticas que celebram e fortalecem a identidade, bem como os ritos religiosos nas manifestações culturais presentes na comunidade de remanescentes de quilombos. Além disso, há evidência de elementos simbólicos componentes dessas manifestações, bem como suas mudanças e permanências. Por outro lado, também aborda questionamentos a respeito das identidades culturais e de patrimônio, bem como os reflexos destes para a valorização das manifestações religiosas vivenciadas pela referida comunidade.

Palavras-chave: Cultura; Memória; Valorização Cultural; Aiué; Festa de São Benedito.

Le « aiué de São Benedito » de la communauté quilombola de Jauari, rivière Erepecuru, Oriximná (Pará)

Résumé: Le présent travail est une recherche de terrain menée dans la communauté quilombola de Jauari, sur la rivière Erepecuru, municipalité d'Oriximiná (Pará), qui cherche à comprendre l'histoire de la Folia do "Aiué de São Benedito". Pour ce faire, il aborde des réflexions liées au "regard" sur les pratiques qui célèbrent et renforcent l'identité, ainsi que les rites religieux dans les manifestations culturelles présentes dans la communauté des vestiges quilombo. De plus, il existe des preuves d'éléments symboliques qui composent ces manifestations, ainsi que de leurs changements et de leur permanence. D'autre part, il aborde également des questions sur les identités culturelles et patrimoniales, ainsi que leurs réflexes pour l'appréciation des manifestations religieuses vécues par cette communauté.

Mots-clés : Culture ; Mémoire; Appréciation culturelle ; Aiué ; Fête de Saint Benoît.

Abstract: The present work is field research carried out in the quilombola community of Jauari - Rio Erepecuru, municipality of Oriximiná/Pará, which seeks to understand the history of the Folia do Aiué of Saint Benedict. To do so, it addresses reflections related to the "look" at practices that celebrate and strengthen identity, as well as religious rites in cultural manifestations present in the community of quilombo remnants. In addition, it highlights the symbolic elements that compose these manifestations, as well as their changes and permanence. On the other hand, it also addresses questions about cultural

* Licenciado Pleno em História – UFOA/ Oriximiná. Pós-graduado em Etnoeducação Universidade Federal Fluminense/ Oriximiná. E-mail: joaofelipe.cultura@gmail.com

** Licenciada Plena em Letras UFPA/Santarém. Licenciada Plena em Música UFPA/Oriximiná. Pós graduada em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa – FAVENI. Pós-graduada em Etnoeducação UFF/ Oriximiná, E-mail: marialdasantos@yahoo.com.br

and heritage identities, as well as their reflexes for the appreciation of religious manifestations experienced by that community.

Keywords: Culture; Memory; Cultural Appreciation; Aiué; Feast of Saint Benedict.

Introdução

O presente trabalho busca descrever e compreender as práticas culturais realizadas na comunidade quilombola do Jauari. Para tanto, foi necessária uma intervenção direta na comunidade no sentido de reconstruir a história, por meio da narrativa oral dos mais velhos. Neste sentido, William Stern afirma que a “lembrança é a história da pessoa e seu mundo enquanto vivenciada” (STERN *apud* BOSI, 1994, p.68).

Podemos observar que, em qualquer comunidade humana, está presente a construção e reconstrução de saberes. Tais saberes permitem que esses grupos vivam em harmonia com o mundo que os rodeias, seja a natureza ou outras pessoas. Dessa maneira, os moradores de comunidades tradicionais, assim como os ribeirinhos, possuem conhecimentos e informações adquiridos por meio de suas práticas, ou por meio das histórias transmitidas pelos mais antigos, ou ainda pelos viajantes que transitam em seu território, ou por meio do rádio, jornais ou revistas que possam dispor. Tais conhecimentos são adquiridos por meio, sobretudo, da ação.

Porém, ao falarmos em saberes não podemos esquecer as pessoas, os lugares, as diferentes formas de pensamento de ser e de fazer parte do mundo. Dessa forma, certos aspectos ou conhecimentos só podem ser compreendidos “dentro de uma determinada situação cultural, alocada num certo espaço, numa certa época” (FREITAS, 1994, p. 127). Assim, um aspecto essencial na constituição da relação de saber, de aprender, de ser, é a linguagem. Por meio dela e de suas relações, há a transmissão dos saberes, dos meios de sobrevivência e de relação com o mundo, o respeito ao outro, a religiosidade, as trocas de experiência, entre outros.

Como procedimento metodológico, a coleta de dados orais busca registrar acontecimentos, vivências, fenômenos, lembranças dos indivíduos que se dispõem a compartilhar, ideias e memórias com a coletividade e com os pesquisadores. Dessa forma, recorrer a relatos orais não é um fato novo na história e nem como fonte de trabalhos acadêmicos. Ao contrário, desde tempos imemoriais constituem uma forma de “expressar o legado de seus antepassados ou simplesmente proteger do esquecimento os eventos mais recentes” (IGLESIAS, 1984, p.59).

Além disso, a atividade da entrevista exige materialmente do pesquisador (deslocamentos, equipamentos, etc.), mas também requer um envolvimento psicológico e

afetivo. A atividade de lembrar, de reviver as lembranças, por meio do diálogo e da roda de conversa implica “uma atitude de sensibilidade, afetividade e respeito para com o entrevistado. Implica, também, uma disponibilidade para a escuta paciente, para reciprocidade, a troca a compreensão do universo que o pesquisador se propõe a investigar” (FERNANDES, 1993, p.117, *apud* DE SOUZA, 1997).

Assim, com o objetivo de valorizar dos saberes, as tradições e o respeito, a realização da pesquisa de campo possibilitou o diálogo com as experiências vivenciadas pelos sujeitos que compõem a folia do Aiué. Dessa maneira, o método utilizado para a pesquisa foi trabalhar com a memória oral dessa comunidade. Inicialmente por meio dos relatos de Dona Maria Roberta, fundadora da comunidade; Daniel Souza, filho de dona Roberta, líder da comunidade; Marina Souza, esposa de Daniel, professora e coordenadora do Aiué na comunidade. Posteriormente, por meio da realização de rodas de conversas com os demais moradores da comunidade. Como afirma Hobsbawn:

Ao lembrar a história de gente comum, não estamos meramente tentando conferir-lhe um significado político retrospectivo que nem sempre teve; mais genericamente, explorar uma dimensão desconhecida do passado (HOBSBAWN, 1990, p.216)

Corroborando essa ideia, Montenegro afirma que o pesquisador deve ter a postura de “parteiro de lembranças”, interferindo quando julgar que determinado aspecto da narrativa não está suficientemente claro ou, por outro lado, quando alguma passagem lhe despertar a atenção. Além disso, faz-se necessário aprender a respeitar a fala (ouvir) e o silêncio do outro, uma vez que “(...) diversas vezes o entrevistado se faz calado; no entanto percebe-se que são momentos de profunda introspecção” (MONTENEGRO, 1992, p.150). Entretanto, para que o estudo fosse realizado de maneira satisfatória existiu a necessidade incluir princípios relacionados à Etnoeducação, que nortearam a prática de trabalho de campo que será relatada no decorrer do presente artigo. Nesse sentido,

O que norteia a pesquisa intervenção é a construção de estratégias por meio de encontros transversais de valores. Os encontros nessa perspectiva têm papel fundamental. Não produzimos pesquisas sozinhos, e não temos como conhecer sem que em primeiro lugar nos encontremos com as realidades que queremos conhecer. (RUSSI, Adriana; ALVAREZ, Johnny; MACIEL, Sonia, 2017, p. 9).

Dessa forma, o presente trabalho constitui uma forma de registro da história e das transformações ocorridas na prática do Aiué de São Benedito, na comunidade do Jauari, no município de Oriximiná. Visto que existe uma grande carência de registros das práticas e manifestações culturais das comunidades remanescentes de quilombo. Visto que é

notável que os moradores das comunidades desejam uma forma de documentar suas origens e que servirá de aporte de estudo e pesquisa para futuras gerações.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Assim, o presente artigo abordará uma breve história da comunidade, reconstruída por meio de relatos dos mais velhos. Posteriormente, será recontada a história da prática do Aiué na comunidade e será traçado um paralelo comparativo com o Marambiré, realizado no município de Alenquer, também no Pará.

A comunidade de Jauari

De acordo com Daniel Souza, a comunidade surgiu na década de 40 e estava localizada à margem direita do Rio Erepecuru. Os seus primeiros moradores foram: Brasiliano Manoel de Figueiredo, Prudêncio Figueiredo, e Maria da Conceição Oliveira de Figueiredo, Pedro Nonato, Braz Manoel de Figueiredo; depois chegou Francisco Melo de Oliveira, conhecido por “Chico Melo”, o curador e médico, que sabia muitos remédios de ervas para várias doenças. Seus remédios eram preparados por sua esposa, dona Maria Roberta de Souza e sua irmã Anésia Viana de Almeida.

Segundo Maria Roberta de Souza Oliveira (82 anos), a comunidade do Jauari não era uma “comunidade”, eram apenas moradores da margem direita do rio Erepecuru e que diziam que eram pretos mocambeiros.

Ainda não era comunidade. Morava lá Marcus Eleutério. Mané João, o Zé Deoca de Holanda (estrangeiro) falava enrolado, era negro, mais negro do que eu e Gamanga que era a sua irmã. Eles trabalhavam na roça também. Ah! Também José Agostinho de Souza, era ele que organizava as festas religiosas, a de São Benedito e Divino Espírito Santo e assim foi aumentando a comunidade. A primeira moradora foi dona Teodora e Marcus Eleutério. Morava lá tombem lá seu Ricardo Melo e família, morava tombem Joaquim, filho de Teodora, dona Joaquina, filha do seu Basílio, que montou uma escolinha em 1955, morava tombem lá a Inácia, irmã de Teodora, Dagmar de Nazaré, Dona Luiza e Pedro Nonato, a Maria e Manuel Rodrigues, morava tombem Raimundo Eleutério e Júlia Eleutério (sic). A Tereza Eleutério, filha de dona Júlia, o seu Marcus, Claudino, Antônio Mourão, filho do Claudino, Maria Sebastiana, esposa de Antônio Mourão, Mane João, esposo da Anésia, o seu Raimundo Camidá e Efigênia, eles tinham a mão toda aleijada porque segurava a candeia. Todos eram descendentes de escravos (entrevista em dezembro de 2016).

De acordo com as rodas de conversas, esses são os possíveis primeiros moradores que deram o nome da comunidade de Jauari porque tinha muito jauarizeiro, palmeira que tem espinho e dá cacho. Hoje a comunidade do Jauari está localizada à margem esquerda do rio Erepecuru, afluente do rio Trombetas, a 60 Km da sede do município. Possui vários portos, que consistem em uma armação de madeira na beira do rio, na qual lavam utensílios domésticos, roupas e também tomam banho.

Assim, as 36 famílias que moram lá são remanescentes de quilombos e contam com o título definitivo de suas terras expedido pelo governo federal desde 08 de dezembro de 1998. Estão ligadas por laços de parentescos, garantem o uso comum do território, e a prática da reciprocidade entre as famílias na distribuição dos produtos da caça e da pesca, obtidos em maior quantidade para o consumo, através de um esforço em conjunto.

O deslocamento de carga e passageiros é feito com a utilização de barcos, bajaranas, rabetas - canoas acopladas em um motor pequeno, e canoas que pertencentes aos moradores. Além disso, é possível observar a presença de alguns barcos que fazem linha das comunidades da Pancada, São Joaquim, Varre Vento, Espírito Santo, entre outras, até a sede do município, com pagamento de passagem. Esse percurso geralmente é feito de 15 em 15 dias, sobretudo ao fim do mês, quando aposentados, professores, barqueiros e funcionários municipais descem o rio para receber seus salários e pagamento.

Existe também a escola de Ensino em Educação Infantil administrada pela Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Educação, cujos professores são, em sua maioria, moradores da própria comunidade. Também existe um prédio que funciona como posto de Saúde, mas não possui agente de saúde, uma Igreja, cujo o padroeiro é São Benedito, dois barracões, um coberto de telha de Brasilit, onde são realizados encontros e festas, e um campo de futebol, onde são realizados amistosos entre as comunidades e algumas partidas do campeonato do interior.

A história

Tendo a memória como ponto de partida para entender o processo, foi necessário conhecer mais acerca da origem do ritual, bem como as letras das músicas, cantos e

danças. Dessa maneira, foi possível relacionar ao ritual do Marambiré¹ e, desta forma, entender a chegada do Aiué até a comunidade do Jauari.

Para responder as perguntas dos adultos sobre o porquê de a Igreja proibir a apresentação da folia em Oriximiná, foi necessário pesquisar junto aos manuscritos de Dom Frederico, prelado de Santarém, do período de 1900 a 1922. Por meio da Circular do dia 07 de novembro de 1904, onde o mesmo relata os abusos, dos organizadores da festa de São Benedito, que realizavam esmolações para as festas religiosas, sem licenças por escrito da diocese ou do vigário local, pois quando a esmolação não é autorizada, fica proibida a imagem dos santos.

De acordo com a Circular do Dia 31 de outubro de 1908, Dom Frederico relata um incidente desagradável com os festeiros de São Benedito. Pela determinação da Carta Pastoral do Brasil, o mesmo proibiu no ano anterior a festa de São Sebastião, mas os festeiros não obedeceram e realizaram a festa de São Benedito sem autorização da igreja. Diante dessa desobediência, Dom Frederico Costa, comunicou a Frei Rogério Voges o acontecido e também à polícia e ao prefeito que disse que “não sabia como proceder no caso” e também encaminhou ao Juiz da Comarca para tomar providências do caso.

Em conformidade com as leis da Igreja, proibi no ano passado as folias na festividade de São Benedito em Oriximiná (...) ditos festeiros servindo-se da Igreja, o que constitui outro abuso e atentado contra a ordem pública. Requeiro, portanto, que Va. Exa. se digne de garantir a pessoa do suplicante no sentido de poder agir de conformidade com as ordens de seu superior. Tendo como de fato de zelar pelo bem-estar da Igreja, espero que, como é de lei. V.Exa. garantirá a minha ação neste sentido (COSTA, 1900-1922, p.54)

Em resposta à solicitação de Frei Rogério Voges, vigário da paróquia Oriximiná, o Juiz Fernando Belo dá o seguinte despacho no dia 1 de novembro de 1908.

A Constituição dos Estados Unidos do Brasil no cap. IV Secc II estabelecendo-a de direito dos brasileiros e estrangeiros residentes no país, estatue no Art. 72 parágrafo 1^o “Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude da lei” 8 parágrafo 3^o do mesmo artigo. Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, e no parágrafo 7^o, nenhum culto ou Igreja terá relação de dependência ou aliança com o Governo da União ou do Estado. (...) Em fase destas disposições, não pode a autoridade civil interferir nas manifestações de qualquer culto religioso, desde que não

¹ Folia de São Benedito que acontece na vila quilombola do Pacoval, no município de Alenquer, Estado do Pará, no dezembro com as mesmas características do Aiu e que também teve origem na fuga dos negros para subida do rio Trombetas e seus afluentes.

seja perturbada a ordem pública ou não haja ofensa aos bons costumes, competindo exclusivamente aos respectivos pastores, vigários, rabinos ou outras denominações tenham de chamar aos cumprimentos de seus deveres os crentes que deles se desviam. Por estes motivos, indefiro a petição (COSTA, 1900-1922, p.56).

A partir do indeferimento do Juiz de direito da Comarca de Óbidos, aconteceram várias trocas de ofícios ofensivos entre o e o juiz e Frei Rogério Roges, apoiado por muitos chefes de famílias da cidade de Oriximiná, escandalizados com os procedimentos dos devotos de São Benedito, considerando uma ofensa à moral social e à ordem pública. Este episódio fez com que os remanescentes de quilombos, devotos de São Benedito, não realizassem mais a festa de São Benedito e a folia na cidade de Oriximiná, passando a partir de então a realizar nas comunidades com apenas uma ladainha em louvor a São Benedito.

O conhecimento deste fato reforça a preocupação de Daniel Souza em dar continuidade à tradição, já que uma vez a mesma por força da igreja católica foi proibida de se apresentar em público. Hoje, a folia corre o risco de substituída por uma manifestação mais ligada aos interesses da juventude que coordena a festa e prioriza o profano. Como por exemplo, no passado era realizada a esmolação para angariar recursos para as despesas da festa, mas hoje parte das despesas é bancada pelo poder público, a prefeitura, e por políticos com interesse em manter seu curral eleitoral. Dessa maneira,

A questão não é a da preservação tradicionalista de uma cultura do passado, mas o que concerne às comunidades da cultura amazônica como expressão de um presente histórico, que se manterá como processo, experimentando suas trocas simbólicas com outras culturas, sem mutilações e deslocamentos, permanecendo respeitada e íntegra, no seio do ethos ético e estético que a constitui (LOUREIRO, 2002, p.129-130).

Dessa forma, as práticas culturais que ocorrem durante a realização da festa de São Benedito não são mais as mesmas de anos passados. Apesar de ainda permanecer o cortejo da folia com a presença da imagem de São Benedito, a ladainha e o levantamento e a derrubada do mastro de frutas com seus personagens. Porém, todas elas já sofreram incorporações e influências de outras culturas.

O “aiué de São Benedito” na comunidade do Juary

Para penetrar no universo dos remanescentes de quilombo, torna-se necessário entender as demandas da cultura quilombola, cujas tradições religiosas, aliadas à valorização cultural, tornam-se parte de um todo muito complexo. Isso porque trata-se de

uma ordem devocional daqueles que preparam seus corpos, suas roupas, seus instrumentos e suas casas para festejar seu santo protetor com ladainhas, atividades culturais, festa dançante, torneio de futebol e outras atividades.

Os moradores da comunidade do Jauari têm como principal prática religiosa o catolicismo popular, mas os mesmos também acreditam em determinadas superstições e creem na existência de seres mitológicos (dos encantados dos rios, das cachoeiras e florestas) e é também possível observar que a importância da religiosidade é expressa através da devoção de seu santo protetor, São Benedito, o “santo dos pretos”. Para compreender o presente é preciso retornar ao passado. Segundo Gonçalves:

A memória como conservação e reelaboração do passado, é o objeto de estudo tanto dos filósofos, historiadores e sociólogos porque adquire uma conotação mística de uma determinada sociedade. Atenção dada ao ato de rememorar deve-se ao fato de que ao partilhar das lembranças tanto de uma pessoa como de um grupo obtém-se uma visão mais ampla das experiências vivenciadas pelo indivíduo (Gonçalves, 1988, p.94).

Nas rodas de conversas com Daniel Souza, Marina Souza e Madalena, foi possível perceber uma reinvenção no ritual, desde o momento em que a igreja proibiu a realização da folia, e da esmolação, que eram as visitas com a imagem do santo realizadas em casas de seus devotos com o objetivo de angariar donativos e dinheiro para custear as despesas. Tia Madaca, ressalta a importância de se manter a tradição, de reforçar a identidade através dos mais novos, e além do mais guarda consigo os saberes de uma parteira, que reza e “conserta” os que estão “desmentidos”, com luxação.

Daniel acredita que é de responsabilidade dos mais velhos transmitir aos jovens e crianças as crenças relacionadas a essa tradição religiosa. A narrativa de Daniel Souza que afirma que “Tudo está se acabando os jovens não querem respeitar o que nossos antepassados faziam, só querem saber de festa.”. Reforçando a necessidade de um estudo acadêmico sobre o Aiué, mas sem esquecer de um trabalho relacionado à memória, identidade, tradição e rituais que são transmitidos de geração a geração.

Para uma comunidade quilombola, a realização de uma festa em devoção ao seu santo protetor possui um significado que agrega valores culturais da população e funciona como um elemento de organização social, reforçando também sua identidade cultural e social. No início, a festa de São Benedito era realizada na casa de dona Nilda Portilho, moradora do Rio Cuminá, afluente do Rio Erepecuru. Como dona Nilda não realizou mais a festa de São Benedito, Dona Maria Roberta pediu pra fazer em sua casa na margem esquerda na comunidade do Jauari, situada no rio Erepecuru.

Segundo Hugo Souza, tudo começa em 1940, quando dona Roberta resolve fazer um roçado à margem esquerda do rio. A partir de então, a mesma constrói sua casa e depois seus filhos se transferem para junto dela. Segundo Dona Roberta, a mudança para a margem esquerda se deu em virtude das cheias do rio e, como devota de São Benedito, dona Roberta rezava com seus filhos o terço que ia de casa em casa. Porém, como não tinha a imagem de São Benedito, usava uma garrafa de vidro na qual amarrava fitas coloridas e se transformava na imagem do santo.

A festa de São Benedito foi crescendo e se perpetuando. Não se sabe exatamente o ano que começou na comunidade os festejos do santo, tudo se fortaleceu a partir do momento que esta ganhou uma imagem do Santo, do senhor Antonino Melo, provavelmente no ano de 1943.

Foto 1: Encontro das folias do Boa Vista Cuminá com a Folia do Aiué de São Benedito (janeiro de 2017).



Fonte: Arquivo Pessoal.

Segundo Oliveira (2003), o calendário dos remanescentes de quilombos divide-se entre o cultivo da terra e a realização das festas. Estas representam parte significativa dos valores culturais da população, funcionando como pilares de organização dessas comunidades.

A festa é uma prática social que reflete não somente as crenças, mas também a trama de relações cotidianas no quilombo. Hierárquicas, familiares, comerciais, afetivas e outras. Como ponto de encontro e espaço de lazer, a festa congrega os membros da comunidade e também um número cada vez maior de visitantes (OLIVEIRA, 2003, p.253).

Na festa de São Benedito não há a presença do padre, as rezas são realizadas pelos mordomos, responsáveis pelas doações e comunitários. Embora a Festa do Santo seja de todos os membros da comunidade, no passado a responsabilidade maior é do encarregado ou juiz (presidentes da festa, responsável por todo o processo da festa), aquele que durante a derrubada do mastro pegava a bandeira branca. Ele se responsabiliza em comprar o que é necessário para a infraestrutura das festividades, os materiais para complemento da alimentação, bem como foguetes, pagamentos de músicos para tocar no baile, fazendo a divisão das tarefas entre mordomos e demais participantes da festa.

Hoje, a festa está estruturada da seguinte forma: Coordenação geral, juízes, mordomos, patrocinadores e promesseiros. Naturalmente as despesas dos juízes durante a festa são extremamente altas em comparação com as dos mordomos e patrocinadores e promesseiros, porque, sendo coordenador geral da festa, é o responsável por todas as dívidas. Além disso, atualmente, a responsabilidade da festa é da coordenação, que é composta por membros da comunidade e é dividida em equipes. Cabe ao coordenador da comunidade elaborar um projeto e apresentar junto ao prefeito, que arca com a maior parte das despesas da festa. Além disso, não existe mais a construção da ramada, pois os visitantes ficam hospedados em seus barcos ou em casas de parentes e até mesmo embaixo de árvores onde penduram suas redes.

A preparação do ambiente, como a decoração, limpeza do espaço, uso do campo de futebol e restauração do barracão são atribuições dos moradores da comunidade que realizam as tarefas em forma de puxirum, com a participação de todos, crianças, jovens e adultos, que muitas vezes começam suas atividades pela madrugada.

Hoje o peso das atribuições dos mordomos e juízes não são mais as mesmas, elas estão relacionadas apenas em contribuir com pequena quantia em dinheiro para o complemento de alimentos para visitantes que comparecerem à festa. Observamos que a presença do Juiz e Juíza da festa, no passado chamados de presidente da festa, serve apenas como elemento para “cumprir tabela” e sua responsabilidade é com o levantamento do mastro de frutas. Porém, antes eram eles que organizavam toda a festa, desde o início da esmolação até a derriba de mastro, quando era passada a presidência para o próximo juiz.

Foto 2: Juíza da Festa de São Bendito (janeiro de 2017)



Fonte: Arquivo Pessoal.

Hoje a festa de São Benedito é realizada apenas em dois dias e começa pela madrugada de sexta-feira, com a alvorada. Na metade da manhã acontece o levantamento do mastro de frutas, não há mais ladainha ao redor do mastro, e, no final da tarde, começa a parte religiosa com a chegada da folia da comunidade do Boa Vista Cuminá, que é recebida pela Folia do Aiué adulto. Assim, juntos, realizam uma procissão com cantos específicos e fazem uma roda em volta do mastro, onde acontece a apresentação do Aiué.

Foto 3: Festa de São Bendito (janeiro de 2017)



Fonte: Arquivo Pessoal

A festa de São Benedito mantém viva a tradição dos negros do Jauari, diante de suas dimensões sagradas que marcam a memória de seus ancestrais. Como sugere Benedita Celeste “Não convém até então transformar esses símbolos em espetáculos para eventos culturais fora de hora” (DE SOUZA; DE MORAES PINTO, 2007, p. 10). Entretanto, pesquisar a origem do Aiué (Aiwê ou Ai Uêh) tornou-se necessário para responder os questionamentos dos adultos, jovens e crianças da comunidade do Jauari.

Acredita-se que o Aiué é fruto do Marambiré, que é considerada uma manifestação cultural afro-brasileira, desenvolvida no Pacoval, no município de Alenquer, no Estado do Pará. Segundo Aldrin Figueiredo (1995, p. 210):

O Marambiré é também conhecido por Sangabira e é apresentado anualmente por ocasião do ciclo das festas natalinas, começando no dia 25 de dezembro, prosseguindo na Epifania (6 de janeiro), que na comunidade coincide com a Festa de São Sebastião e terminando no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

A semelhança entre as duas manifestações é notória, diferenciando-se no período de sua realização. Em Alenquer, o Marambiré começa no mês de dezembro e se estende até janeiro com apresentações diárias; o Aiué de São Benedito, da comunidade do Jauari, acontece em apenas um dia, no mês de janeiro.

Foto 4: Personagens do Aiué, Rainha do Congo, Teolinda e Maria Cabeça de Cuia (janeiro de 2017)



Fonte: Arquivo Pessoal

Por outro lado, há semelhanças quanto aos personagens. No Marambiré, são encontrados personagens como o Rei do Congo, a Rainha do Congo e Valsares. No Aiué, estão presentes os mesmos personagens e exercem os mesmos papéis, além dos personagens Maria Cabeça de Cuia, Teolindo e Teolinda, Porta Bandeira, os mantenedores, a juíza e o canoeiro. Quanto às músicas entoadas no Marambiré são em número de 23, possuem uma marcação bem definida e são entoadas em louvor ao Menino Deus, à Virgem Maria, à Santíssima, a São Benedito.

Deus te Salve Casa Santa, aiué
Onde Deus fez a morada, aiué
Iaiué, iauê.....

Nas festividades do Jauari, a Folia do Aiué também é entoado o “Deus te Salve” como saudação inicial da apresentação da folia.

Deus te salve casa santa
Onde Deus fez a morada
Aiué enquereicá
Viva o nosso general...

O canto “Forma, Forma” no Marambiré, segundo Figueiredo (1995), “constitui-se no canto de chamada que antecede qualquer cantoria do ritual, o mesmo é destinado, evidentemente, a colocar em suas posições os componentes do grupo, antes que a dança propriamente comece”.

Formem! Formem! Seus pelotões
Menos batalha,
Merece o barão.
(Refrão) formem para marchar
Vamos depressa, queremos chegar...

Na Folia de São Benedito, no Jauari, ocorre da mesma forma esses procedimentos, cuja intenção do canto “Forma, Forma” é alertar os participantes do Aiué que está na hora de iniciar sua evolução. Porém com uma alteração à presença dos porta-bandeiras.

Porta Bandeira vamos embora
Segui a nossa jornada
Forma, forma para marchar
Andemos depressa queremos chegar (...)

Outra semelhança é o canto “Horta linda!”, que fala do trabalho diário da horta (horta linda).

Eu plantei na minha horta. Horta Linda!
Semente de melancia, tô linda!
(Refrão) Horta Linda! Horta Linda! Horta Linda!

No Jauari, durante a apresentação da folia, a homenagem ao trabalho do cotidiano como a “Horta linda”, recebeu o nome de “Teolinda”, que segundo a memória dos remanescentes era uma horta muito linda e que quando dava boa safra dava-se o nome de Teolinda (tá linda).

Nós fomos e já viemos Teolinda
La da torre de Belém Teolinda
Ai Teolinda, Teolinda
Ai Teolinda, Teolinda
Ai Teolinda, Teolinda
Semente de melancia Teolinda

Tomando-se como base os estudos do professor Aldrin Figueiredo (1995) realizados no Pacoval, em Alenquer, sobre a manifestação do Marambiré, e os estudos *in loco* que realizado na Comunidade do Jauari, é possível traçar paralelos comparativos com essas duas manifestações culturais. De acordo com as pesquisas de Rosa Azevedo e Edna Castro (1998), antecedentes históricos nos levam a crer que os negros da região do Pacoval migraram ou fugiram para a região Trombetas onde amocambaram-se e passaram a viver, ou sobreviver, nessa região em busca da liberdade. Além disso, os estudos de Aldrin Figueiredo e Idaliana Azevedo (2002), a respeito do Marambiré, tornam claras as evidências entre as duas manifestações.

As diferenças existentes são resultadas da ressignificação da identidade cultural desse ritual que tem enfrentado muitas dificuldades para preservar ou pelos menos manter traços culturais que um dia foram praticados por seus antepassados. No início, a festa de São Benedito era realizada na casa de dona Nilda Portilho, moradora do Rio Cuminá, afluente do Rio Erepecutru. Como dona Nilda não realizou mais a festa de São Benedito, Dona Maria Roberta pediu pra fazer em sua casa na margem esquerda na comunidade do Jauari, situada no rio Erepecuru, dando origem ao Aiué de São Benedito da comunidade do Jauari.

Foto 5: Apresentação Aiué Pré-círio, Oriximiná-PA (agosto de 2018)



Fonte: Arquivo Pessoal

Segundo Oliveira (2003), o calendário dos remanescentes de quilombos divide-se entre o cultivo da terra e a realização das festas. Estas representam parte significativa dos valores culturais da população, funcionando como pilares de organização dessas comunidades.

A festa é uma prática social que reflete não somente as crenças, mas também a trama de relações cotidianas no quilombo. Hierárquicas, familiares, comerciais, afetivas e outras. Como ponto de encontro e espaço de lazer, a festa congrega os membros da comunidade e também um número cada vez maior de visitantes (OLIVEIRA, 2003, p.253)

Essa religiosidade se expressa através de devoções aos santos católicos e da reunião de diferentes comunidades em momentos específicos para celebrarem seus padroeiros. Dessa maneira, várias comunidades passam grande parte do ano envolvidas com a preparação e ou participação em festas religiosas católicas, ou seja, manifestações de fé, de agradecimentos por benefícios alcançados, bem como da renovação dos pedidos que fazem à imagem do santo protetor.

A exemplo de outras festas populares de caráter religioso que ocorrem em Oriximiná, a festividade de São Benedito do Jauari possui características religiosas e profanas, além de compreender um conjunto de atividades e rituais que tem seu momento

de ápice no mês de janeiro, quando os fiéis e devotos, de forma individual ou coletiva, saem de sua comunidade em direção ao Jauari para participar da festa São Benedito e agradecer as graças alcançadas.

Considerações finais

Na festa de São Benedito não há a presença do padre, as rezas são realizadas pelos mordomos, responsáveis pelas doações e comunitários. Embora a Festa do Santo seja de todos os membros da comunidade, no passado a responsabilidade maior é do encarregado ou juiz (presidentes da festa, responsável por todo o processo da festa), aquele que durante a derrubada do mastro pegava a bandeira branca. Ele se responsabiliza em comprar o que é necessário para a infraestrutura das festividades, os materiais para complemento da alimentação, bem como foguetes, pagamentos de músicos para tocar no baile, fazendo a divisão das tarefas entre mordomos e demais participantes da festa.

Hoje a festa de São Benedito é realizada em apenas dois dias e começa pela madrugada de sexta-feira, com a alvorada. Na metade da manhã acontece o levantamento do mastro de frutas, não há mais ladainha ao redor do mastro, e, no final da tarde, começa a parte religiosa com a chegada da folia da comunidade do Boa Vista Cuminá, que é recebida pela Folia do Aiué adulto. Assim, juntos, realizam uma procissão com cantos específicos e fazem uma roda em volta do mastro, onde acontece a apresentação do Aiué.

Logo depois acontece a “derriba” (derrubada) do mastro e a ladainha que é rezada dentro da igreja ou no barracão menor, dependendo da quantidade de pessoas. Em seguida é servido o jantar para os presentes, neste momento ninguém paga a “janta” e logo depois acontece a noite cultural. Terminando a noite cultural, inicia-se a festa dançante, que vai até domingo com pequenas pausas para troca de músicos e bandas.

No sábado, durante o dia, acontece um torneio de futebol de campo, com a participação de vários times das comunidades vizinhas e que conta com uma premiação em espécie, além de um torneio de duplas que disputam pênaltis. Para que os grupos participem dos torneios paga-se uma taxa. A noite acontece a festa dançante, geralmente com duas ou três bandas e com a presença de cantores populares da região.

A motivação para a restauração e a preservação da folia de São Benedito da comunidade do Jauari, efetivou-se a partir da necessidade de terem algo que os identificasse, porque no momento em que iniciaram a luta pela titularização de suas

terras, um dos pré-requisitos era ter algo que os identificassem como negros remanescentes de quilombos. Assim, é nesse contexto que a devoção a São Benedito falou mais alto e, por isso, recorrem à história de seus antepassados, suas histórias de vidas e assumem um compromisso de resgatar aquilo que lhes foi reprimido.

Dessa forma, realizar a festa do padroeiro da comunidade do Jauari torna-se compromisso de todos os moradores, pois há uma necessidade de uma grande organização, que vai desde da divulgação, rezas, campeonato de futebol de campo, busca e patrocínio, noite cultural e jantar para os convidados. Neste contexto, a festa inclui várias manifestações culturais, torna-se então a festa do povo. De acordo com Marilena Chaui:

O termo cultura popular é muito ambíguo. Inclui tanto a cultura gerada ou manipulada pelo povo, quanto a cultura imposta de cima para baixo a chamada cultura de massa. Ao passo o que o termo cultura do povo se refere à cultura que não pertence simplesmente ao povo, mas que é produzida por ele (CHAUI, 1979, p. 49).

O movimento negro, através do Centro de defesa do Negro no Pará (CEDENPA), começa a realizar o “Encontro de Raízes Negras”. O II Encontro acontece na comunidade do Jauari, em 1989, e, nesse Encontro, os remanescentes tiveram a primeira apresentação oficial da Folia de São Benedito para o público, depois da proibição da Igreja Católica. Conforme afirma Daniel Souza:

Foi nas Raízes Negras, no II Encontro. Que fizemos a nossa primeira apresentação oficial. Desde de 1935, ninguém dançava porque não tinha alguém que levantasse a dança. Na cidade dançamos pela primeira vez na ordenação do padre Zé Paulo, primeiro padre de Oriximiná. Tínhamos medo de pegar vaia, mas graças a Deus fomos bem aplaudidos (entrevista, dezembro de 2016).

Referências

- AZEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do trombetas: guardiões de matas e rios**. 2.ed. Belém: CEJUP/UFPA-NEA, 1998.
- ACCIOLY, Sheila Mendes; DE SALLES, Sandro Guimarães. Marabaixo: identidade social e etnicidade na música negra do Amapá. **IX Semana de História**. O Ensino e a Pesquisa em História no Amapá: Perspectivas e Desafios, 2013.
- AZEVEDO, Idaliana Marinho de. **Puxium memórias dos negros do oeste paraense**. Instituto de Artes do Pará. Belém, PA: IAP, 2002.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos avançados**, vol. 9, nº1, p. 71-84, 1979.
- COSTA, Mon Senhor Frederico. **Relatório pastoral de viagem – 1900 – 1922**. Arquivo Paróquia de Santo Antônio de Oriximiná.
- DE SOUZA, Susana Braga; DE MORAES PINTO, Benedita Celeste. Memória e educação no povoado remanescente de quilombola de Itapocu, município de Cametá. **Educação, ciência e desenvolvimento**, 2007.
- DE SOUZA, Carla Monteiro. A incorporação de relatos orais como fontes na pesquisa histórica. **Textos e Debates**, vol.2, nº 4, 1997.
- FIGUEIRA, Anthymio Wanzeller. **Estória de Oriximiná**.s.e/s.l., 2005.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Um natal de negros; esboço etnográfico de um ritual religioso num quilombo amazônico. **Revista de Antropologia**. São Paulo, vol.38, p.207-238, 1995.
- FONSECA, Eduardo P de Aquino. As funções e os significados das festas nas religiões afro-brasileiras. **Cadernos de Estudos Sociais**, vol. 13, nº 2, 1997.
- FREITAS, Maria Tereza de Assumpção. **Vygotsky & Bakhtin**. Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática/EDUFJF, 1994.
- GALVÃO, Eduardo. **A Religiosidade do Caboclo da Amazônia**. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, 1983.
- GONÇALVES, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto. (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric.
- RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- IGLESIAS, Esther. Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 27, nº1, 1984.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém Cejup, 1995.
- LÊ GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- MELLO, Adriana Russi Tavares. **Tamiriki, Pata Yotono Kwama**: a reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios Kaxuyana às margens do Rio Cachorro, Oriximiná (PA). 2014.p. 30-39.

MONTENEGRO, António Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de história**, vol. 25, p. 26-57, 1992.

OLIVEIRA, Rachel. Projeto Vida e História das comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil: um ensaio de ações afirmativas. In: **Educação e Ações Afirmativas: entre a Injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília. INEP, 2003.

RUSSI, Adriana; ALVAREZ, Johnny; MACIEL, Sonia (org.). **Cadernos de cultura e educação para o patrimônio**. 2.ed. Niterói: s/n, 2012.

SILVA, Nonato da; RODRIGUES, Dário Benedito. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque, et al. **É um pessoal lá de Bragança: um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua (PA)**, 2008.

Recebido em: 01/07/2022

Aceito em: 10/09/2022



Para citar este texto (ABNT): CRUZ, João Felipe Lobato da; SANTOS, Marialda de Matos. O “aiué de São Benedito” da comunidade quilombola do Jauari, Rio Erepecuru, Oriximná (Pará). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 2, p.285-303, jul./dez. 2022.

Para citar este texto (APA): Cruz, João Felipe Lobato da; Santos, Marialda de Matos. (jul./dez.2022). O “aiué de São Benedito” da comunidade quilombola do Jauari, Rio Erepecuru, Oriximná (Pará). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (2): 258-303.